

Tratado de Angeologia e Demonologia



Filipe Chagas

Angelologia ou **angeologia** é um ramo da teologia que estuda os anjos. Como os Pais da Igreja (com exceção de Orígenes de Alexandria) não demonstravam interesse especial pela natureza dos anjos, pode-se dizer que as bases das doutrinas angelológicas ocidentais foram formuladas por Santo Agostinho no século IV d.C.

Segundo o pensador cristão, os anjos teriam uma natureza puramente espiritual e livre.^[1] Comentando o Gênesis, Agostinho definiu as funções destes seres celestes, que seriam responsáveis pela glorificação de Deus e pela transmissão da vontade divina. De acordo com a doutrina angelológica agostiniana, os anjos estariam voltados tanto para o mundo espiritual quanto para o mundo visível, no qual interviriam com certa frequência. Para Agostinho, os homens e os anjos tinham semelhanças notáveis, tendo ambos sido criados à imagem de Deus. Ademais, ambos seriam criaturas inteligentes. Porém os anjos sendo imateriais e os homens feitos de matéria.

Mais tarde, Gregório Magno acrescentou algumas noções angelológicas ao pensamento agostiniano. Segundo ele, o homem teria como função ocupar no Céu os lugares abandonados por anjos caídos. Gregório Magno também foi responsável por introduzir no Ocidente a lista dos nove coros celestes (serafins, querubins e tronos, dominações, potestades e virtudes, principados, arcanjo e anjos). No começo do século IX d.C., o texto "A Hierarquia Celeste", atribuído a Dioniso, o Areopagita, consolidou a noção de hierarquia angelical.

No século XI, o pensamento teológico sobre os anjos sofreu mudanças.^[2] Santo Anselmo rejeitou as relações de causalidade

entre a queda dos anjos e a criação de Adão. A teologia de São Bernardo conferiu aos anjos um papel essencial na ascensão mística, uma vez que esses seres celestes seriam responsáveis por preparar a alma para a visão de Deus. Nessa época, emerge a figura do anjo da guarda individual.

No século XV, a devoção aos anjos da guarda individuais se torna regra, e a teologia passa a se ocupar desse aspecto da essência angelical. A teologia dos anjos sofre importantes mudanças e é retomada por pensadores como Vicente Ferrer, João Gerson e Ludolfo da Saxônia.^[2]

Hoje, as diferentes denominações têm diferentes tratamentos e níveis de atenção dados a doutrina. Enquanto algumas igrejas os reverenciam e os admiram, outras evitam o tópico, associando-os a idolatria e desvio de foco de atenção, mentiras, falsos sinais, e desordem de culto.

Dentre os anjos, normalmente são classificados como bons ou maus, fiéis ou rebeldes. Os últimos, também chamados de anjos caídos, e de demônios, são extremamente mal vistos na maioria das denominações, postos como inimigos de Deus e do seu povo.

Os anjos de nomes conhecidos na Bíblia incluem Miguel, Rafael, Gabriel e Lúcifer.

A teologia pentecostal de algumas igrejas tem classificado muitas vezes anjos como seres sem sentimento, ou livre arbítrio, como já tendo-o usado e agora não podendo tomar mais decisões próprias, sendo os fiéis principalmente

mensageiros, e que não entram em contacto com o ser humano, salvo em raras exceções. O desejo de salvar anjos caídos teve pouco estudo até hoje, sendo um dos que creram nessa hipótese Orígenes. Atualmente, há poucos pastores que concordam com a possibilidade de conversão de anjos caídos. A "Teoria da Salvação Total", recentemente proposta por um estudante de teologia, é uma nova tentativa de converter esse tipo de criatura, que estaria condenada, segundo a Bíblia. Por isso se diz que os demônios não podem ouvir um crente a orar ou louvar.

Demonologia

Demonologia é o estudo dos demônios.

Originado nos textos bíblicos, o estudo sistemático dos demônios ou a **Demonologia**, começou com os estudiosos cristãos. Em primeiro lugar, é importante ressaltar que a Demonologia não significa ou representa qualquer tipo de culto aos demônios, mas sim uma investigação e descrição de suas características. Um demônio, por sua vez, é um anjo que se rebelou contra Deus e passou a agir pela perdição da humanidade. Esta é a conceituação que foi absorvida pelo cristianismo, pois muito antes da Igreja Católica, o termo referia-se a um gênio inspirador dos indivíduos para o bem e para o mal.

No contexto do cristianismo, foram publicadas várias obras que funcionavam como catálogos para tentar definir a hierarquia e as características dos demônios e de outros espíritos malignos. Entre as obras mais conhecidas estão o *Malleus Maleficarum*, a *Demonolatria* e o *Compendium Maleficarum*. A primeira delas é a mais famosa por ter sido considerado um livro proibido no cristianismo. Só que há uma diferença muito grande em descrever os demônios e a hierarquia entre eles, tal como a angeologia faz com os anjos, e publicar instruções de como convocar demônios e submetê-los a vontades próprias. Livros assim são chamados de grimórios e descrevem conhecimentos mágicos listando anjos e demônios com orientações de como efetuar feitiços e comandar entidades sobrenaturais.

Em outras religiões a concepção sobre os demônios é diversa. No islamismo, o demônio não é um anjo e também não é necessariamente mau, possui o mesmo livre arbítrio que os humanos. A contraposição do bem e do mau é uma das características do cristianismo. Fator que também é presente para os judeus. O islamismo até considera forças adversárias a Ala, porém elas são de menor expressão. Enquanto isso, o cristianismo considera a existência de dois reinos, o de Deus e o de Satã, um embate constante entre o bem e o mau.

Para os budistas, existe também um inferno que é povoado por vários demônios que tentam os mortais a cometerem atos de pecado. O líder desses demônios é denominado Mara. Já o hinduísmo, religião com enorme quantidade de deuses, possui também os antagonistas, ou seja, considera a existência de

adversários que estão em constante disputa contra alguns dos deuses.

Demonologia Cristã

As mais extensas exposições sobre demonologia cristã são o *Malleus Maleficarum*, de Heinrich Kraemer, *Demonolatria*, de Nicolas Rémy, e *Compendium Maleficarum*, de Francesco Maria Guazzo.

A demonologia se refere a catálogos que tentam nomear e definir uma hierarquia de demônios e espíritos malignos. Nesse sentido, a demonologia pode ser vista como uma imagem em espelho ou um ramo da angeologia, que estuda os anjos.

Os grimórios de ocultismo são tomos que conteriam os feitiços dessa versão da demonologia, contendo instruções de como convocar demônios e (espera-se), submetê-los à vontade do conjurador, embora nem todos os ocultistas antigos ou modernos necessariamente conjurem demônios. Não se podendo generalizar, em nenhuma circunstância, pois a maioria dos grimórios representam filosofias de vida e plantas curativas da magia branca.

Islamismo, judaísmo e zoroastrismo

No Islã, o demônio "Iblis" (Satã no cristianismo) não era um anjo, mas algo diferente, um "Jinn" (humanos teriam sido criados da terra, anjos da luz e jinn do fogo). Os "Jinn" não seriam necessariamente maus, poderiam ser bons ou pecadores,

assim como os humanos. Portanto, os jinn e humanos seriam as únicas criações de Deus com livre arbítrio, enquanto anjos só poderiam seguir a vontade de Deus.

Segundo a Igreja Católica, Deus criou anjos e entre eles havia um chamado Lúcifer, que era dito ser o mais belo. O nome Lúcifer significa "a estrela da manhã, o planeta Vênus", ou, como um adjetivo, "portador da luz". Este anjo quis ser como Deus. Esse foi o primeiro pecado existente, com isso ele foi exilado dos céus.

Muitos estudiosos acreditam que o Judaísmo recebeu originalmente os conceitos de escatologia, angelologia e demonologia do Zoroastrismo. Na tradição do Zoroastrismo, Aura-Mazda, força do bem, eventualmente seria vitorioso em uma batalha com a força do mal conhecida como Arimã. No Corão, quando Deus ordenou àqueles que presenciaram a criação de Adão, que se ajoelhassem perante ele, "Iblis" se recusou a fazê-lo, e então foi condenado por recusar a obedecer a vontade de Deus. O Novo Testamento afirma explicitamente a existência de espíritos adversários menores. No Cristianismo, Satã é o líder de uma força do mal se opondo ao todo bondoso Deus.

Budismo e hinduísmo

Algumas correntes do budismo afirmam a existência do inferno povoado por demônios que atormentam os pecadores e tentam os mortais a pecar, ou aqueles que buscam contrariar sua Iluminação, com um demônio chamado Mara como tentador chefe. O hinduísmo contém tradições de

combates entre seus deuses e vários adversários, como o combate de Indra e Vritra. Outras correntes do budismo usam 6 infernos e demônios apenas como metáforas para estados de consciência, e não utilizam o conceito de pecado, mas sim ação e reação, causa e efeito, karma. Onde uma pessoa que comete, por exemplo, algum tipo de violência, poderá ter pensamentos ruins, angústia, arrependimento, insônia, traumas emocionais.

Dicionário de Demonologia

Lista com os nomes dos principais demônios da tradição e suas

respectivas funções no panteão infernal. Demogorgon 2 3 4

Conheça os Demônios bíblicos Os hebreus em suas origens históricas, vencidas as etapas animistas e totêmicas, cultuavam deuses [elohim] – espíritos – que, em toda Gênesis 1 até o capítulo 2 verso 3, são os responsáveis pelas criações dos céus, da terra e de tudo que neles há, numa síntese criacionista sumero-babilônica. A partir de Gênesis 2:4 um daqueles deuses, o sló Javé, ganha destaques e aos poucos, ao curso da evolução religiosa dos hebreus, suplanta os demais elohim, para se transformar no deus dos deuses [Deuteronômio 10:17], sistema monolátrico [Josué 22:22] que, num futuro viria ser o monoteísmo judaico adotado pelos cristãos, o Deus único das nações [Isaias 45:22]. A partir do momento que Javé se fez [ou foi feito] deus dos deuses, os demais deuses foram excluídos oficialmente dentre os hebreus, e a partir de então demônios passam designar quase que exclusivamente divindades de outros povos, portanto divindades pagãs ou gentias. Aparentemente fácil identificar demônios na Bíblia, na verdade não os são. Copistas e tradutores bíblicos determinam indistintamente por demônios os anjos decaídos, os espíritos imundos e os diabos, ao lado de outras tantas identificações, dando o mesmo sentido às palavras gregas: pneuma, aggelous, diábolos e daimon, por exemplos, e isto traz confusões até mesmo a muitos dos entendidos. 5 Demônios não são Diabos, aliás, Diabos não existem na bíblia o que existe é o Diabo [do grego diábolos], no singular, como tradução do hebraico Satan [Xatan] que nos deu Satanás ou simplesmente Satã, este sim, por sinal, único e também nenhum demônio. Os Demônios nada têm a ver, inicialmente, com espíritos imundos, estes comumente identificados biblicamente pelo grego pneuma, ou

os hebraicos eloim e se'irim. Anjos, do grego aggelous, significa mensageiro [mala'k – hebraico], tanto para os bons quanto para os maus enviados, sem nenhum laço etimológico ou de atributos com os demônios. O que seria então os demônios bíblicos? Como surgiram? Comumente, se entende por demônios, aquelas entidades espirituais dotadas de poderes especiais, que se situam entre os humanos e as divindades, com objetivos de zelar lugares ou castigar pessoas. Sua origem provável encontra-se nas lendas e crenças dos povos da Mesopotâmia. O grego daimon ou daimonium, em Deuteronômio 32:17 é usado para identificação das divindades pagãs, ou seja, aquelas proibidas de serem cultuadas pelos hebreus. Assim, todos os deuses estrangeiros ao povo de Deus, são denominados demônios. No Salmo 91:6-7, o termo é designativo de praga. Isaías 13:21, 34:14 e referências, trazem demônios como personagens folclóricos ou quase míticos dos lugares ermos, como os denominados os sátiros [hirsutos], que algumas traduções descrevem-nos seres que se apresentam como horríveis animais peludos. No apócrifo Baruc, 4:35, espíritos imundos, estão postos como habitantes dos desertos. A tradução portuguesa mais exata para daimon é gênio, aplicado no sentido de inteligência superior, capacidade incomum. 6 Bíblica e etimologicamente, a princípio, Demônio não teria conotação pejorativa alguma com anjos decaídos, espíritos imundos ou diabos. A sua identificação com espíritos impuros [imundos], ocorreu pela necessidade teocrática dos hebreus manterem-se separados dos demais povos, para evitar contaminações de cultos e com isso a desagregação nacional. Aos demônios, nas qualidades de espíritos impuros, se devem as doenças internas desconhecidas, como se por eles causadas e